

PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

REVISTA DE
GEOGRAFIA
Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia>

PANORAMA EPISTEMOLÓGICO DA GEOGRAFIA HUMANA: UMA SÍNTESE DA EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Alcimara Meira Gonçalves Andrukiu¹, Miguel Bahl²

¹Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: alcimameira@gmail.com

²Professor titular do Departamento de Turismo da Universidade Federal do Paraná, junto ao curso de Graduação em Turismo, ao Programa de Mestrado em Turismo e ao Programa de Mestrado e Doutorado em Geografia. E-mail: migbahl@gmail.com

Artigo recebido em 05/05/2019 e aceito em 22/11/2019

RESUMO

O presente texto tem por objetivo apresentar a evolução e o surgimento das correntes epistemológicas utilizadas nas pesquisas e textos desenvolvidos na Geografia Humana. A partir de pesquisa bibliográfica, faz-se uma apresentação cronológica dos enfoques utilizados desde os primeiros escritos geográficos até as décadas mais recentes. Inicialmente fez-se um relato sucinto dos estudos geográficos que originaram a Geografia Tradicional, passando pela normatização positivista imposta pela Nova Geografia, e posteriormente seguindo pelas perspectivas que surgiram no período após a Segunda Guerra Mundial. Por fim, apresenta-se a forma decolonialista de compreender os eventos sociais e, por sua vez, analisar o objeto de estudo. Ao final do texto, apresenta-se um quadro com o resumo das principais correntes da Geografia Humana.

Palavras-chave: Epistemologia da Geografia; Geografia Humana; Pesquisa Geográfica.

EPISTEMOLOGICAL PANORAMA OF HUMAN GEOGRAPHY: A SYNTHESIS OF THE EVOLUTION OF GEOGRAPHICAL THOUGHT

ABSTRACT

This text aims to present the evolution and appearing of epistemological currents used in research and texts developed in Human Geography. From bibliographic research, it is made a chronological presentation of the approaches used since the first geographical writings until the most recent decades. Initially a brief account was made of the geographical studies that originated the Traditional Geography, passing through the positivist norms imposed by the New Geography, and later following the perspectives that emerged in the period after the Second World War. Finally, we present the decolonialist way of understanding social events and, as a result, the way of analyzing the object of study. At the end of the text, a table is presented with a summary of the main currents of Human Geography.

Keywords: Epistemology of Geography; Human Geography; Geographic Research.

INTRODUÇÃO

As pesquisas geográficas utilizaram diferentes maneiras de analisar seus objetos de estudo, estabelecendo distintas correntes epistemológicas as quais, ainda hoje, condicionam a definição de cada uma das categorias de análise, de acordo com o tipo de concepção da realidade que adotam. Desta forma, os pesquisadores foram aprofundando o conhecimento geográfico, enxergando as lacunas ou ainda contrapondo teorias desenvolvidas pelos seus pares.

O que se pretende com o presente texto é apresentar, objetivamente, a evolução, bem como o surgimento, das perspectivas epistemológicas na Geografia Humana, essencialmente do período após a 1ª Guerra Mundial até a atualidade. Christofolletti (1985) faz uma explanação das orientações das pesquisas geográficas, dando ênfase maior no período que transcorre o século XX. Porém, o autor apresenta algumas características de estudos anteriores para auxiliar na compreensão da evolução epistemológica.

A EVOLUÇÃO EPISTEMOLÓGICA

Para Vidal de La Blache (1985, p. 41), “O campo de estudo, por excelência, da Geografia é a superfície; este é o conjunto dos fenômenos que se produzem na zona de contato entre as massas sólidas, líquidas e gasosas, que constituem o planeta”. Assim, considerando a afirmação de Vidal de La Blache, os estudos cujos principais objetivos eram relacionados à superfície terrestre, ou geográficos, desde há muito tempo vem sendo desenvolvidos. Segundo Baulig (1985), são associados à Geografia trabalhos como o de Anaximandro de Mileto que, no século VI, elaborou a Primeira Carta do Mundo, ou a construção, pelos astrônomos gregos, de um esboço do que posteriormente seria utilizado como sistema de coordenadas geográficas, ou ainda os relatos descritivos dos viajantes como Heródoto, Marco Polo, e as representações cartográficas como a de Mercator.

Os materiais foram se acumulando de maneira dispersa (BAULIG, 1985). Nesse contexto, dois cientistas alemães tiveram grande importância na organização e sistematização de tais materiais, a saber: Carl Ritter (1779-1859) e Alexandre Von Humboldt (1789-1859).

Ritter, historiador e filósofo, acreditava que “a História não se explica só pelo Homem, mas também pela Terra” (BAULIG, 1985, p. 61). Para ele, o planeta é tal qual um organismo cujas partes interagem entre si e, portanto, é preciso deixar de avaliar apenas as descrições parciais, sendo imprescindível vê-las atuando em conjunto e considerando relações espaciais

que são estabelecidas entre si (BAULIG, 1985). Deste modo, Ritter entendia que “o objeto da Geografia consiste nos conteúdos materiais de espaço, encarados não como matéria, formas, forças, o que se relaciona com a física, mas em sua repartição e em suas combinações espaciais” (BAULIG, 1985, p. 62).

Humboldt, considerado naturalista, grande viajante científico, entendia a Terra como um grande conjunto ordenado, um Cosmos, que vem a ser o título de uma de suas obras. Considerado um geógrafo completo por publicar trabalhos, em alemão e francês, nos quais se nota a utilização de instrumentos de medição (barômetros, termômetros), além de detalhar a América Equatorial (com sua obra de vinte volumes *Voyages aux régions équinoxiales du Nouveau Continent*), fundando, solidamente, a Geografia Natural (BAULIG, 1985).

E através das contribuições de Alexandre Von Humboldt e Carl Ritter, a Geografia, enquanto conhecimento organizado, adentrou as universidades em 1870, primeiramente na Alemanha e posteriormente na França, sendo o principal contribuidor Paul Vidal de La Blache (CHRISTOFOLETTI, 1985). Nasce a Geografia Tradicional, cujo objetivo era “o estudo da diferenciação regional da superfície terrestre”, o que foi sendo aprimorada e definida, posteriormente como “a análise das influências e interações entre o homem e o meio” (CHRISTOFOLETTI, 1985, p. 12), chegando-se a construção da ideia de que a Geografia abrange a distribuição de fenômenos físicos, biológicos e humanos, bem como as causas dessa distribuição e as relações estabelecidas entre tais fenômenos.

Nesse sentido, surge a perspectiva contrária ao que existia até então, a saber: o determinismo geográfico, o qual afirma que o comportamento e os aspectos fisiológicos do homem são definidos a partir dos elementos que constituem o ambiente em que está inserido. Os museus etnográficos testemunham a faculdade de inventividade do homem, revelando que este não é passivo frente à realidade existente no meio, pois para cada problema enfrentado, o homem busca uma solução, estando esta visão vinculada ao que se denominou de “possibilismo geográfico” (BAULIG, 1985).

Apesar de haver uma convergência sobre considerar a superfície da Terra como objeto de análise, algumas contradições dicotômicas emergiram. Christofolletti (1985) menciona que uma delas era a diferenciação entre Geografia Geral e Geografia Regional. Segundo este autor, a Geografia Geral toma como parâmetro de estudo a escala global, planetária, buscando avaliar as características de fenômenos que acontecem, e se repetem, ao longo do globo terrestre, como é o caso das costas (costas de emersão, costas atlânticas, costa pacíficas, dentre outras). Já a Geografia Regional estuda uma unidade (área) da superfície terrestre, onde através do desvelar

da evolução histórica, condições biológicas, e tantos outros aspectos, o geógrafo conseguia descrever determinada área ou região (CHRISTOFOLETTI, 1985).

A outra delimitação refere-se à divisão da Geografia em Geografia Física e Geografia Humana. A Geografia Física se detém no estudo do quadro natural, possuindo aparato metodológico eficiente e bem definido, adquirindo progressivamente a imagem de cientificamente melhor consolidada e executada. Em outra vertente, a Geografia Humana ocupava-se com “a distribuição dos aspectos originados pelas atividades humanas”, sendo suas pesquisas executadas com variedade de procedimentos metodológicos - análise subjetiva - o que dificultava os seus adeptos na defesa de seu “gabarito científico”. (CHRISTOFOLETTI, 1985, p. 13).

Para Demangeon (1985), o iniciador da Geografia Humana na França foi Vidal de La Blache, enquanto que na Alemanha foi Ratzel, inspirando outros autores e obras em diversos países, perpassando os limites do meio intelectual e alcançando esferas da ampla cultura.

Demangeon apresenta o método da Geografia Humana, o qual contém três princípios, a saber:

- a) Primeiro: a vontade do homem e as oportunidades influenciam ou conduzem a forma de vida e nível tecnológico dessas pessoas. “Portanto, nada de determinismo absoluto, mas somente possibilidades colocadas em uso pela iniciativa humana; nada de fatalidade, mas de vontade humana.” (DEMANGEON, 1985, p. 54).
- b) Segundo: a Geografia Humana precisa trabalhar tendo como apoio uma base territorial. Esta última é o diferencial entre os estudos sociológicos e os geográficos. Afinal, é “pela análise dos caracteres que compõem a fisionomia de uma região que se pode melhor compreender as relações que unem os homens a seu meio.” (DEMANGEON, 1985, p. 56).
- c) Terceiro: a busca pelos fatos históricos, pela História do lugar a ser estudado pelo geógrafo, pois “Para explicar os fatos que observa, o geógrafo não deve contentar-se de situá-los racionalmente no espaço; é preciso também que ele os projete no passado. Também deve saber servir-se dos documentos históricos e saber também onde encontrá-los”. (DEMANGEON, 1985, p. 57). A humanidade evolui no tempo, sendo o testemunho da História tão necessário quanto o conhecimento das leis naturais para a compreensão dessa evolução (DEMANGEON, 1985).

Após a Segunda Guerra Mundial, a Geografia passou por uma série de surgimento de novas abordagens, ou novas perspectivas, com relação aos objetos que levassem em consideração a interação homem-ambiente. Como o intuito do presente texto apresenta maior relação com a Geografia Humana, não serão aprofundadas as correntes inerentes à Geografia Física.

No intuito de superar as dicotomias e problemas concernentes aos procedimentos metodológicos da Geografia Regional, emerge na década de 1950 a Nova Geografia a qual, conforme Christofolletti (1985), é pautada por algumas metas, a saber:

- a) maior rigor na aplicação da metodologia científica: considerando que a metodologia é a base da ciência, calcada no positivismo lógico, a Geografia científica necessita de observação empírica, de verificação de seus enunciados e isolar os fatos de seus respectivos valores, para uma análise objetiva e imparcial. Outra questão é fundamentar-se em teorias e leis para que sejam propostas predições, prevendo a situação futura da organização espacial. A validade dos achados é atribuída aos procedimentos metodológicos, ao invés de estar vinculada à autoridade do geógrafo responsável pelo estudo.
- b) Desenvolvimento de teorias. Devido à lacuna de teorias na Geografia Tradicional, incentivou-se o desenvolvimento de teorias, mesmo que para tal fossem utilizadas teorias de outras áreas para aporte de estudo.
- c) uso de técnicas estatísticas e matemáticas. As técnicas auxiliam o geógrafo na organização dos dados e apresentação de resultados, porém tais técnicas devem estar acompanhadas das teorias para explicar os resultados encontrados.
- d) a abordagem sistêmica.
- e) o uso de modelos.

Muitos filósofos eram adeptos da filosofia positivista que, como característica principal, sustenta a valorização dos dados da maneira como são coletados e observados. Porém, outros se posicionaram contrários ao positivismo, defendendo que havia uma distinção entre Ciências Naturais (passível de explicação) e Ciências Humanas (onde se requer a compreensão), sendo Hegel um dos que estabeleceu suas principais bases (CHRISTOFOLETTI, 1985). Sobre essa diferença entre o que é natural e o que é humano, convém destacar um trecho da obra de Christofolletti (1985, p. 21)

O modo explicativo seria característico das Ciências Naturais, que procuram o relacionamento causal entre os fenômenos. A compreensão seria o modo típico de proceder das Ciências Humanas, que não estudam fatos que possam ser explicados propriamente, mas visam aos processos permanentemente vivos da experiência humana, e procuram extrair deles o seu sentido. Os sentidos (ou significados) são fornecidos, segundo Dilthey, na própria experiência do investigador e poderiam ser empaticamente apreendidos na experiência dos outros.

No contexto da Geografia, outras escolas começaram a surgir como uma resposta antagônica ao positivismo da Nova Geografia. Uma delas é a Geografia Radical, que considerava a escola predecessora pragmática, quantitativa, alienada, centrada nos padrões espaciais em detrimento dos problemas sociais (CHISTOFOLETTI, 1985). Também conhecida como Geografia Crítica, Geografia Marxista, ou de relevância social, essa escola surgiu em meados dos anos 1960, tendo como contexto a realidade e influência dos Estados Unidos, principalmente, no que se referem às questões da Guerra do Vietnã, da luta pelos direitos civis, problemas de urbanização, crise de poluição, e adota em seu discurso uma postura contestatória ao abordar, essencialmente, problemas socioeconômicos (CHISTOFOLETTI, 1985).

Os geógrafos adeptos à essa corrente passaram a analisar o espaço a partir de leituras das obras de Marx e Engels, sendo rapidamente disseminado no Canadá (União dos Geógrafos Socialistas, sediada em Toronto), nos Estados Unidos (com publicações de David Harvey e a Revista Antipode), na França (com Yves Lacoste e a Revista Hérodote), na Inglaterra (com Richard Peet). Para tais autores, tal qual as abordagens marxistas, interessa-se pelo modo de produção a qual será fundamental para a organização espacial e, conseqüentemente, construção das paisagens e, havendo desigualdade ou prejuízo (social, racial, econômico, ambiental) sentidos por uma das partes, faz-se necessária a transformação da sociedade através de revoluções e movimentos de resistência (CHISTOFOLETTI, 1985).

No que concerne aos procedimentos metodológicos adotados, as pesquisas desta escola utilizam o materialismo dialético, sendo muitas vezes valorizados mais os resultados e as concepções dogmáticas que a própria execução dos procedimentos metodológicos (CHISTOFOLETTI, 1985). Dentre os geógrafos brasileiros, Milton Santos é o mais destacado.

Outra escola citada por Christofolletti (1985, p. 24) é a da Geografia Idealista, que valoriza “a compreensão das ações envolvidas nos fenômenos, procurando focalizar o seu aspecto interior, que é o pensamento subjacente às atividades humanas”. Nesse caso o geógrafo deve conhecer as crenças e valores - e não os motivos que os fazem acreditar - que os indivíduos possuem, pois a partir destes é que são construídos os pensamentos que desencadeiam as ações

que constroem ou reconstroem as paisagens, o que revela que tal escola assume a posição ideográfica ao invés da nomotética (CHRISTOFOLETTI, 1985).

A Geografia Humanística, cujos autores mais destacados são David Lowenthal, Anne Buttimer, Yu-Fu Tuan, Edward Relph, possui como principal característica a valorização da

[...] experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa através as suas atitudes e valores para com o quadro ambiente. É o contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona. (CHRISTOFOLETTI, 1985, p. 22)

Os autores denominam a corrente como “humanística” porque são considerados as significações, os valores, as metas e os propósitos das pessoas, aspectos mais profundos que os atributos humanos (CHRISTOFOLETTI, 1985). Assim, os temas mais abordados são aqueles em que há um envolvimento do indivíduo ou do grupo com o espaço, as particularidades dos lugares, a magia dos lugares, sendo consideradas, para tanto, as experiências vividas e adquiridas, as percepções, os sentidos (tato, olfato, paladar, audição, visão, cinestésico), as emoções e a afetividade (CHRISTOFOLETTI, 1985).

Com relação aos procedimentos metodológicos, os autores utilizam a fenomenologia (principalmente a de Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty), cujo pressuposto é a supressão de qualquer preconceito oriundo da perspectiva científica, do senso comum ou naturalista, não se interessando nem pelo objeto, nem pelo sujeito, mas analisando puramente o fenômeno (CHRISTOFOLETTI, 1985).

Para Tuan (1985, p. 162), o geógrafo humanista (ou humanístico) tem como competência a “interpretação da experiência humana em sua ambiguidade, ambivalência e complexidade”, sendo um dos principais objetivos “esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações, à medida que dizem respeito ao espaço e ao lugar”. Sua função é “tornar explícitos as virtudes e os defeitos de uma cultura. [...] O humanista mostrará como o lugar é um conceito e um sentimento compartilhados tanto quanto uma localização e um meio ambiente físicos.” (TUAN, 1985, p. 162).

E os Geógrafos também se interessam pela cultura de determinada região, construindo o que se conhece por Geografia Cultural. Esta, abrange “análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado de paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares” (McDOWELL, 1996, p. 159). Seu

objetivo é investigar tanto a cultura material quanto a cultura imaterial, os costumes sociais e significados (McDOWELL, 1996).

Nesse sentido convém explicar que a cultura é um termo polissêmico e conforme o conceito adotado, mudam-se as proposições epistemológicas. Corrêa (2010) mostra que a definição de cultura é condicionada a combinação de três eixos, a saber:

- 1) abrangência dos fenômenos considerados – podem ser abarcados aspectos como crença, hábitos, linguagem, arte, dieta alimentar, habilidades singulares, bem como o aporte de significados adotados pelas pessoas.
- 2) influência da cultura na sociedade – a cultura enquanto uma entidade, uma superestrutura que determina as ações humanas ou como contexto de onde ocorrem as ações humanas.
- 3) papel desempenhado nas mudanças sociais – a cultura analisada sob a forma diacrônica, considerando a sua evolução ao longo do tempo, ou sob a forma sincrônica, na qual não se admite uma possível análise da sequência de fatos.

Assim, com diversas combinações e visões da cultura, houve uma diferenciação de como a Geografia Cultural se desenvolveu. No período pós-guerra, possuía duas vertentes diferentes, orientadas pelos Estados Unidos, onde a finalidade era estudar a paisagem em si, e pelo Reino Unido, onde os estudos se detiam na compreensão das relações sociais e o significado simbólico das manifestações e ações dos grupos de determinada localidade (McDOWELL, 1996). Nessa época, um grupo de pesquisadores nos Estados Unidos, liderado por Carl Sauer, se destacou, formando a Escola de Berkeley, que analisava as paisagens culturais, as marcas deixadas pelas pessoas nas paisagens através das atividades produtivas, as alterações na paisagem (diacronia), adotando a cultura como abrangente e forte influenciadora da sociedade (CORRÊA, 2010; McDOWELL, 1996).

No entanto, a vertente saueriana perdeu força por não considerar “estruturas econômicas, sociais e políticas mais amplas da sociedade e dos modos como as práticas culturais refletem, reforçam ou desafiam os padrões e normas culturais.” (McDOWELL, 1996, p. 164). E por volta de 1980, emerge a Nova Geografia Cultural, recebendo influências da Geografia Social Inglesa, da geografia humanista e humanidades, além de adotar a visão de cultura como um contexto social, agindo simultaneamente como reflexo, meio e condição, constituindo “mapas de significados”, sendo os estudos geralmente sincrônicos, não refutando eventuais diacronias (CORRÊA, 2010).

Dentre os materiais analisados pela Nova Geografia Cultural, encontram-se, além de paisagens, objetos e elementos em que a cultura está representada (sob a forma de “versões ideais”), tais como pintura, poesia, discurso científico e escritos acadêmicos, estando o analista com sua bagagem cultural (dotado de subjetividade), entendendo a paisagem como decorrente de uma maneira específica de olhar da sociedade que ali vive (McDOWELL, 1996).

Os principais temas da corrente Cultural no Brasil são: a morfologia da paisagem e seus múltiplos significados (estando estes mais relacionados à escola de Berkeley, Saueriana); a percepção ambiental, festas, peregrinação, sexualidade, interpretação de textos, tipos de construções de casas, conflitos e lutas pelo espaço (assuntos mais vinculados à Nova Geografia Cultural). (CORRÊA, 2010). Podem ser citados como principais autores da Geografia cultural o francês Paul Claval, e os brasileiros Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa.

Outra perspectiva que pode ser citada é a Geografia Ambiental. Ganhou mais expressividade após os anos 1970, quando, em vários eventos, se discutia a questão ambiental, a qual consistia basicamente na relação natureza *versus* sociedade (SUERTEGARAY, 2014). Os problemas enfrentados pela sociedade global, denominado “crise ambiental contemporânea”, demanda, inclusive da ciência, uma reflexão profunda sobre a trajetória da humanidade (MENDONÇA, 2014). Assim, os cientistas passaram a analisar o impacto da globalização da economia, impactando sobre os sistemas de produção e sobre os hábitos de consumo das populações (CANALI, 2014).

No âmbito da ciência geográfica, verificavam-se a organização do espaço mundial, cuja a tendência, com o advento da globalização, passou a concentrar as indústrias e produções mais operacionais nos países menos desenvolvidos, onde, além de uma menor exigência de proteção ambiental, os custos com mão-de-obra e o solo são mais baixos, ficando nos países mais desenvolvidos empresas de serviços de desenvolvimento de tecnologia (CANALI, 2014).

Dentre outros problemas ambientais, estão a comercialização, a nível internacional, de produtos naturais nobres e raros – expondo tais espécies ao risco de extinção – e a disseminação de práticas agrícolas e pecuárias que utilizam produtos químicos e técnicas, os quais, na ânsia de maior produtividade, podem causar danos ambientais ou ainda promover uma concorrência desleal entre os produtores (CANALI, 2014).

Apesar da vertente ambiental ser considerada uma nova corrente que ainda não se encontra com suas características totalmente definidas, já é possível, com o que se construiu, distingui-la no conjunto das correntes da Geografia contemporânea (MENDONÇA, 2014).

Por fim, nos últimos anos, tem surgido uma nova tendência de estudos e análises críticas do espaço geográfico e as relações mantidas entre os indivíduos (ou grupos) no que se refere à perspectiva decolonialista epistemológica, que refuta a prevalência de grupos tradicionalmente considerados mais fortes, hegemônicos, dominantes.

Para Joseli Maria Silva (2016), o colonialismo pode ser identificado desde o século XV, podendo ser dividido em: Primeira colonialidade (séculos XV a XVII), com a teo-política e predomínio da Espanha e Portugal; Segunda colonialidade (séculos XVIII a XX), com o racionalismo, cientificidade, e prevalência de países como Alemanha, França e Inglaterra; Terceira colonialidade (séculos XX e XX), continuando com a valorização da ciência, mas sendo acrescentadas as questões concernentes ao “mercado”, com preponderância dos países europeus e os Estados Unidos; e o colonialismo do poder, onde há o controle pela economia, controle da sexualidade e controle do conhecimento e do saber.

Outras correntes podem ser identificadas nas mais variadas obras geográficas disponíveis nos bancos de arquivos acadêmicos nacionais e internacionais, porém seriam necessárias várias laudas para explicar a todas. Assim, o quadro 1 contém a síntese das correntes aqui abordadas, no intuito de facilitar a apresentação.

Atualidade ↓	Pós 2ª Guerra Mundial	fins séc. XVII	Geografia Tradicional				
			Determinismo				
			Descritiva		- Descrição da paisagem e das localidades descobertas pelas expedições geográficas - Determinismo geográfico; - Cientistas: Ritter, Humboldt		
			Possibilismo		Geografia Humana		Geo. Física
			Abordagem quantitativa		- Refuta o determinismo; - Analisar as interações do homem com o ambiente; - Utilização do aporte histórico para compreensão da realidade; - Procedimentos metodológicos diversificados.		
					Nova Geografia		
					-Contra o Determinismo; -Filosofia positivista: dados mais importantes que a análise; -Caráter objetivo: procedimentos metodológicos rígidos; -Validade científica sobrepõe a análise e crítica		
			Método Regional		Geo. Radical	Geo. Humanística	Geo. Idealista
			Abordagem qualitativa		-Dogmática: análise é mais valorizada que os resultados e metodologia; -Procedimentos metodológicos: materialismo dialético; -Redação anticapitalista, marxista, socialista -Temas: urbanização, desigualdade social, econômica, luta de classes, problemas ambientais.	-Procedimentos metodológicos: fenomenologia -Utilização do binômio tempo-espaço -A análise é mais valorizada que os caminhos metodológicos; -Temas: relação afetiva do homem com o espaço.	-Psicologia dos grupos: pensamento da sociedade; -Temas: análise da paisagem a partir do pensamento social
					Nova Geo. Cultural	Geo. Ambiental	
		-Movimento que acrescentou nova perspectiva a Geografia Cultural -Temas: evolução da paisagem, hábitos, costumes, habilidades culturais, matrizes simbólicas e significados de cunho cultural	-Surge com as discussões ambientais nas décadas de 1970-1980; -Discurso anticapitalista; Temas: danos ambientais, críticas ao consumismo e organização global do sistema de produção				
		Deo-colonialismo					
		-Busca analisar fontes, espaços e relações (inter)pessoais abandonados pelas outras correntes -Temas: o exercício do poder em suas variadas formas					

QUADRO 1 – SÍNTESE DAS PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS

FONTE: Elaboração própria (2019).

É importante enfatizar que as perspectivas não deixaram de existir com o surgimento de outras que sejam semelhantes ou até mesmo contrárias nas suas proposições. A existência de várias formas de enxergar e analisar o objeto de estudo, bem como a utilização de diferentes categorias de análise, permitem a discussão de resultados sob diversos olhares, contribuindo tanto para a evolução acadêmica-científica quanto para a discussão e resolução de problemas enfrentados pela sociedade.

REFERÊNCIAS

BAULIG, H. A Geografia é uma ciência. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2. ed. Rio Claro (SP): Difel, 1985. p. 59-70.

CANALI, N. E. Geografia Ambiental: desafios epistemológicos. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Ed. UFPR, 2014. p. 165-186.

CHRISTOFOLETTI, A. As perspectivas dos Estudos Geográficos. In: _____. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2. ed. Rio Claro (SP): Difel, 1985. p. 11-36.

CORREA, R. L. Temas e caminhos da Geografia Cultural: uma breve reflexão. In: ZENY R. Z.; CORRÊA, R. L. C. **Temas e caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 11-36.

DEMANGEON, A. Uma definição da Geografia Humana. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2. ed. Rio Claro (SP): Difel, 1985. p. 49-58.

LA BLACHE, P. V. de. As características próprias da geografia. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 37-47.

McDOWELL, L. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, D.; MARTIN, R.; SMITH, G. (Orgs). **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. p. 159-188.

MENDONÇA, F. Geografia Socioambiental. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Ed. UFPR, 2014. p. 121-144.

SILVA, J. M. **Epistemologia da Geografia e temas contemporâneos**. Curitiba, 22 jun. 2016. Palestra proferida na Universidade Federal do Paraná, na disciplina de Epistemologia da Geografia, do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia física (?) geografia ambiental (?) ou geografia e meio ambiente (?). In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Ed. UFPR, 2014. p. 111-120.

TUAN, Y. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985. p. 143-164.